

A GÊNESE E AS CRISES NA FORMAÇÃO DA REPÚBLICA BRASILEIRA NA PERSPECTIVA DO JORNALISMO NOTICIOSO LISBOETA E PORTUENSE: O DIÁRIO DE NOTÍCIAS E O COMÉRCIO DO PORTO

FRANCISCO DAS NEVES ALVES*

Resumo: Análise das reações da imprensa portuguesa a respeito da instauração e das primeiras crises da república brasileira, a partir de dois estudos de caso de jornais das cidades de Lisboa e do Porto.

Palavras-chave: imprensa, Portugal, Brasil, república.

Abstract: Analysis of the reactions from the Portuguese press about the establishment and the first crisis of the Brazilian republic, from two case studies of newspapers from the cities of Lisbon and Porto.

Key-words: press, Portugal, Brazil, republic.

Perante a Europa, o império tropical estabelecido no continente sul-americano assumia feições diferenciadas em relação a seus vizinhos continentais. Em linhas gerais, os europeus conviviam com as constantes instabilidades das repúblicas latino-americanas, denominadas muitas vezes de “republiquetas”, por não conseguirem manter governos estáveis, tendo em vista uma sucessão interminável de golpes, contragolpes, revoluções, pronunciamentos militares, entre outros eventos. Enquanto isso, o império brasileiro, apesar das revoltas ocorridas na primeira metade do século XIX, consolidara-se com D. Pedro II, atingindo uma estabilidade política e econômica e vivendo seu momento de apogeu, baseado no modelo agroexportador, notadamente no que tange à sua produção cafeeira. A permanência de um mesmo

* Professor de História da FURG. Doutor em História – PUCRS. Pós-Doutorado junto ao ICES (Portugal).

governante por décadas a fio, a similaridade quanto à forma de governo da maioria das nações europeias, os laços dinásticos e a política externa mais voltada ao concerto diplomático do velho continente, faziam com que o olhar europeu sobre o Brasil, demonstrasse certa confiança na continuidade do *status quo* vigente.

Ainda que a fase de apogeu do império tivesse terminado, à medida que se iniciava um processo paulatinamente crescente de crise, motivada principalmente a partir dos conflitos bélicos subcontinentais, do endividamento externo, do acirramento das disputas político-ideológicas e da ruptura progressiva com os principais elementos de sustentação da monarquia – a igreja, os militares e a escravidão –, e mesmo diante de um movimento republicano que se organizava, a maioria dos países europeus não imaginava uma mudança na forma de governo brasileira, pelo menos enquanto visse Pedro II. Nesse sentido, a notícia da proclamação da república no Brasil se transformaria em assunto palpitante na Europa e seus jornais passaram a ser pautados pelos acontecimentos brasileiros. Dentre as nações europeias em que tal mudança mais causou repercussões, Portugal foi sem dúvidas uma das de maior relevância.

Fosse pela forte presença de uma colônia lusa em terras brasileiras, pelos capitais enviados a partir desta para os enfraquecidos cofres lusitanos, ou ainda pelas fortes raízes históricas e culturais que ligavam os dois países, o jornalismo português informou em larga escala a respeito dos fatos no Brasil, noticiando e opinando a partir do matiz político-ideológico e/ou do norte editorial de cada periódico. Em linhas gerais a imprensa portuguesa embasada em princípios partidário-ideológicos orientou-se em duas direções. As folhas monarquistas viram a república brasileira como uma hecatombe e, a cada instabilidade da mesma, anunciavam o seu fim e uma possível retomada do regime decaído. Os jornais republicanos aplaudiram ao extremo a mudança institucional brasileira e justificaram cada um dos momentos de instabilidade tratando-os como breves contratempos, facilmente superáveis e naturais numa república em formação. Outra tendência bastante marcante no seio do

periodismo lusitano foi a de uma imprensa essencialmente noticiosa que, em nome da informação, intentava manter uma almejada neutralidade e imparcialidade diante dos episódios abordados. Tais periódicos acompanharam a instauração da república brasileira e as primeiras crises pelas quais passou, e o presente trabalho tem por meta apresentar um estudo de caso sobre esse tema, a partir de duas dessas folhas, uma da cidade de Lisboa e outra do Porto.

As décadas finais do século XIX foram marcadas por uma ampla expansão do jornalismo luso em comparação ao restante dessa centúria. Os levantamentos acerca do tema demonstram que, nos anos noventa, o número de jornais criados e/ou circulando mais do que duplicou em relação ao decênio imediatamente anterior¹. Além do avanço quantitativo, houve um progresso qualitativo significativo no seio da imprensa portuguesa desse encerramento de século. Melhores condições tecnológicas, maior produtividade, custos mais acessíveis, entre vários outros fatores que caracterizavam uma crescente transformação industrial, colocaram mais leitura à disposição da população. O alcance do periodismo não poderia ser medido apenas pelo número de leitores, visto que a sua repercussão ia muito mais além do que a simples leitura das folhas, havendo todo um incomensurável poder multiplicador, fosse pelo fato de que cada exemplar passava de mão em mão, ou era lido em voz alta em grupos não muito pequenos², fosse pelos comentários gerados a partir do ato de ler que se refletiam em todos os tipos de discussões, desde uma comezinha conversa de esquina, até os acirrados debates em variados ambientes políticos, culturais e ideológicos.

Como era comum à imprensa dessa época, o jornalismo luso

1 CASTRO, José Luciano de. **Catálogo do jornalismo português antigo e moderno**. Lisboa: Liv. de João Pereira da Silva & Filhos, 1897.; CUNHA, Alfredo da. **Relances sobre os três séculos do jornalismo português**. Lisboa: Gráfica Santelmo, 1941. p. 17.; PEREIRA, Augusto Xavier da Silva. **O jornalismo português: resenha cronológica**. Lisboa: Tip. Soares, 1895.; PEREIRA, Augusto Xavier da Silva. **Os jornais portugueses: sua filiação e metamorfoses**. Lisboa: Imp. de Libanio da Silva, 1897.; e TENGARRINHA, José. Imprensa. In: SERRÃO, Joel (dir.) **Dicionário de História de Portugal**. Porto: Figueirinhas, 2000. v. 3. p. 271.

2 TENGARRINHA, José. **História da imprensa periódica portuguesa**. 2.ed. Lisboa: Editorial Caminho, 1989. p. 150 e 213.

mantinha diversas similitudes em relação ao praticado em vários outros países, adotando uma série de “empréstimos” no que tange a padrões editoriais, mas, ao mesmo tempo, tendo algumas especificidades intrínsecas³ no modo como evoluíram as práticas jornalísticas. Assim, ao final do século XIX, Portugal, de acordo com as peculiaridades específicas do seu desenvolvimento, passava por um movimento jornalístico extraordinário, aproximando-se, a seu modo, de muitos dos elementos do progresso da cultura europeia no que tange à arte tipográfica⁴. O país testemunhava uma verdadeira febre de jornais, em meio aos quais poderiam ser observados não só os grupos políticos em que estava dividida a sociedade portuguesa, do mais conservador ao mais avançado, mas também os principais ramos da ciência, da literatura e da indústria, em que quase todas as cidades tinham uma representação de destaque⁵.

A partir de meados do século XIX e de modo crescente daí em diante, no contexto português se daria um predomínio do denominado jornalismo noticioso, essencialmente preocupado com a informação, acompanhando uma tendência do conjunto da imprensa no cenário internacional. Não que o debate político tenha desaparecido dos jornais, mas haveria uma progressiva preeminência para a notícia, diferentemente de outras etapas anteriores quando o periodismo era essencialmente voltado às polêmicas político-partidárias e ideológicas. Nessa linha, o “antigo jornalismo” foi um agente de propaganda, uma arma de combate, ao passo que o “novo” tornou-se também uma indústria com importantes capitais e uso de meios mecânicos consideráveis⁶. Dava-se assim um quadro pelo qual se desenvolvia uma imprensa consideravelmente imbuída pela notícia, em

3 QUINTERO, Alejandro Pizarroso. *O estudo da história da imprensa*. In: QUINTERO, Alejandro Pizarroso (coord.). *História da imprensa*. Lisboa: Planeta Editora, 1996. p. 11.

4 ARANHA, Pedro W. de Brito. *Mouvement de la presse périodique em Portugal de 1894 a 1899*. Lisboa: Imprimerie Nationale, 1900. p. 5 e 47.

5 ARANHA, Pedro W. de Brito. *Rapport de la Section Portugaise – 1er. Congrès International de la Presse (1894 – Anvers)*. Lisboa: Imprimerie Universelle, 1894. p. 12-13.

6 CUNHA, Alfredo da. *La presse périodique en Portugal: bref mémoire présenté au cinquième congrès international de la presse à Lisbonne*. Lisboa: Imprimerie Universelle, 1898. p. 7.

oposição à anterior hegemonia do jornalismo de opinião⁷.

Tal processo se intensificou entre 1865 e 1885, estabelecendo-se as condições para a afirmação de uma imprensa em termos industriais que se desenvolveria crescentemente a partir de então. Era a progressiva consolidação da imprensa predominantemente *noticiosa*, que se opunha ao periodismo marcadamente de *opinião*, estando lançada a trave mestra do jornalismo contemporâneo, ou seja, a informação como sua principal preocupação e objetivo. Dessa forma, na necessidade de encontrar um público mais largo, o jornal procurava manter uma atitude imparcialmente objetiva, dirigindo-se assim *a todos* e não a um grupo de leitores ideologicamente afim, necessariamente muito mais restrito. O relevante era vender o máximo possível, de modo que a folha impressa passou também a constituir uma *mercadoria*. Ainda assim, todo o periódico, mesmo aquele que se afirmava exclusivamente noticioso, tinha uma posição mais ou menos visível, com a qual o leitor poderia ou não concordar. Mesmo que surgissem cada vez em maior número e com maior projeção jornais exclusiva e preponderantemente noticiosos, ainda apareceriam importantes órgãos de opinião ou simultaneamente de informação e opinião⁸.

As principais representantes dessa imprensa organizada em termos empresariais e com um norte editorial essencialmente informativo-noticioso foram as publicações de periodicidade diária. Fosse pela relevância e o alcance junto à opinião pública, pela longevidade no tempo de circulação, pela excelente feitura gráfica, pela estruturação tipográfica, ou ainda por todos estes fatores em conjunto, muitas das folhas diárias adquiriram um destaque extraordinário, chegando algumas delas a serem consideradas como periódicos “nacionais”, vindo a ter uma grande e intensa distribuição no conjunto do país, além do significativo impacto que tinham seus escritos no conjunto da nação lusa⁹. A maioria desses diários concentrou-se em Lisboa,

7 ALVES, José Augusto dos Santos. **O poder da comunicação**. Cruz Quebrada: Casa das Letras, 2005. p. 164.

8 TENGARRINHA, 1989. p. 213, 215, 219-220, 222 e 231.

9 Contextualização elaborada a partir de: ALVES, Francisco das Neves. **Olhares impressos – a república brasileira sob o prisma da imprensa lusitana: repercussões e ruptura diplomática (1889-1895)**. Lisboa:

ocorrendo também sua incidência no Porto. Nos quadros dessa imprensa noticiosa e suas reações diante da implantação da república no Brasil, podem ser analisados dois periódicos, um lisboeta e outro portuense.

O mais importante dos jornais de modelo noticioso no contexto português foi o *Diário de Notícias*, cujo programa foi editado ao final de 1864 e o primeiro número passou a circular em Lisboa, a 1º de janeiro do ano seguinte. Sua assinatura na capital custava 240 réis (mês) e 700 réis (trimestre), já nas províncias o custo era de 1\$075 réis (trimestre), enquanto o preço do número avulso era de 10 réis¹⁰. Ele marcou o início do jornalismo moderno no contexto luso, operando-se uma verdadeira revolução no panorama jornalístico nacional. Era um jornal popular de preço e estilo ao alcance de todos, essencialmente noticioso e sem filiação partidária. Seu espantoso êxito resultou da combinação do baixo preço e da aparente “independência” perante as correntes políticas, com as elevadas tiragens, o que reduzia o custo unitário de produção, aumentando também os rendimentos com a publicidade. A “objetividade” e “imparcialidade” com que se iniciou e pretendeu apresentar ao longo da sua existência, na verdade camuflavam habitualmente uma posição conservadora de apoio ao poder estabelecido¹¹.

Assim, a lógica de produção desse periódico levava em conta que, se a tiragem aumentasse, as despesas gerais conservavam-se sensivelmente as mesmas e, portanto, o preço de custo de cada exemplar seria menos elevado, de modo que, com maior tiragem haveria mais anúncios que poderiam render mais. Dessa maneira, para auferir maiores lucros, bastaria baixar o preço e dirigi-lo a uma mais vasta camada de leitores, não como um jornal de opinião, mas meramente noticioso. Seus avanços na prática jornalística voltaram-se também à questão da venda e distribuição, estabelecendo um contingente sempre crescente de

ICES, 2012. p. 21-26.

10 RAFAEL, Gina Guedes & SANTOS, Manuela. *Jornais e revistas portuguesas do século XIX*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2001. v. 1. p. 252.

11 TENGARRINHA, José. *Imprensa e opinião pública em Portugal*. Coimbra: Edições Minerva Coimbra, 2006. p. 214.

vendedores ambulantes, atividade facilitada pelo preço acessível do exemplar. Além disso, houve também um incremento na quantidade de anúncios editados pelo *Diário de Notícias*, fenômeno também essencial à estruturação financeira da empresa jornalística, uma vez que era normalmente à publicidade que competia cobrir uma parte ou a totalidade dos custos da produção do jornal. Outra marca registrada da publicação foi o crescimento vertiginoso de suas tiragens, com o aprimoramento tecnológico em sua produção, lançando-se mão de máquinas rotativas cada vez mais evoluídas e com maior capacidade de impressão, bem como sua tipografia foi a primeira no contexto luso a utilizar-se das máquinas de compor. Tais práticas empresariais serviriam de modelo a um grande número de periódicos que surgiram no contexto luso, e, na virada do século XIX ao XX, o *Diário* contaria entre os jornais mais antigos e de maior prestígio em Portugal¹².

No lançamento do periódico, a redação afirmava que promovera tal publicação convencida da sua necessidade e utilidade, pois visava a um único fim – interessar a todas as classes, ser acessível a todas as bolsas, e compreensível a todas as inteligências. Declarava também que o seu próprio título dizia o que seria, ou seja, uma compilação cuidadosa de todas as notícias do dia, de todos os países, e de todas as especialidades. Pretendia ser um noticiário universal, em estilo fácil, e com a maior concisão, informando o leitor de todas as ocorrências interessantes, assim de Portugal como das demais nações, reproduzindo, à última hora todas as novidades políticas, científicas, artísticas literárias, comerciais, industriais, agrícolas, criminais e estatísticas. Anunciava que eliminaria o artigo de fundo, não discutindo política, nem sustentando polêmica, apenas registrando com a possível verdade todos os acontecimentos, deixando ao leitor que comentasse ao seu sabor, quaisquer que fossem os seus princípios e opiniões¹³.

No primeiro número em circulação, o *Diário de Notícias* destacava que tivera uma boa aceitação de parte do público,

12 TENGARRINHA, 1989. p. 213, 215, 221, 222, 225-229, 231 e 234.

13 DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Lisboa, 29 de dezembro de 1864. N. 1, programa. p. 1.

o que estaria a demonstrar que se em Portugal não se lia comparativamente tanto como em outras nações, era pelo motivo de que não havia publicações baratas, e ao alcance de todas as bolsas, não porque os seus concidadãos fossem menos ilustrados¹⁴. Já em época mais próxima à transformação na forma de governo brasileira, o periódico, ao completar duas décadas, afirmava que permanecia tranquilo na consciência de que não desmerecera até então a atenção recebida de seus leitores, por ter mantido a sua norma invariável de proceder. Nesse sentido, mantinha a proposta de colocar à disposição do público as suas colunas para todas as informações e para a defesa de todos os interesses e causas justas de utilidade nacional, buscando constantemente multiplicar as fontes das suas informações, através de seus colaboradores e correspondentes¹⁵. No ano seguinte, enfatizava que pretendia manter sua autonomia jornalística, atuando em prol do bem público, da moral social e da justiça, esforçando-se por advogar as causas justas. Dizia aspirar somente à glória de modesto trabalhador útil, atuando fora das correntes da política militante, de modo que as suas colunas estavam francas a todas as ideias proveitosas ao público e ao país¹⁶.

A notícia inaugural a respeito das transformações no Brasil informada pelo *Diário* fazia referência a uma revolução no Rio de Janeiro, publicando uma série de telegramas que comunicavam o fato de uma sedição militar de caráter altamente político, porque tendia a destruir o império, substituindo-o por outra forma de governo. O jornal preferia não entrar em considerações, nem formar hipóteses sem fundamento seguro, apenas explicando que no Brasil existiam e fermentavam muitos elementos de desgosto, havia muitos interesses feridos, sobretudo com a abolição da escravatura bem como estavam em jogo no mundo financeiro importantes empresas que deslocavam capitais e que podiam muito bem, com a perspectiva de grossos lucros, vir a originar uma grave crise nos mercados. Nesse sentido, preferia aguardar os sucessos subsequentes, com a confiança de que o Brasil não

14 DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Lisboa, 1º de janeiro de 1865. Ano 1. N. 1. p. 1.

15 DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Lisboa, 1º de janeiro de 1884. Ano 20. N. 6.442. p. 1.

16 DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Lisboa, 1º de janeiro de 1885. Ano 21. N. 6.805. p. 1.

retrogradaria no caminho da civilização e dos trabalhos pacíficos e de vitalidade, de que estava dando tantos testemunhos com a admiração da própria Europa¹⁷.

No dia seguinte, o periódico continuava apontando que não se podia ainda formar uma ideia segura da revolução, nem do seu alcance em todo o Brasil, pois, se a maior parte das províncias não aderisse ao governo provisório, a crise brasileira poderia ter muitos e espantosos riscos. Perante tal perspectiva, o jornal declarava que não desejava ver essa situação, não só pelo afeto que ligava os lusos ao Brasil – qualquer que fosse o governo que o povo brasileiro entendesse dever definitivamente estabelecer – como também pelos interesses tão caros e tão importantes de milhares de portugueses residentes e com vida ativa e fecunda naquela nação¹⁸. A busca pela neutralidade ficava expressa nas páginas do jornal, como ao afirmar que estava longe do teatro dos acontecimentos, e por isso não poderia segui-los com todas as minudências, não só na sua evolução como nas suas origens e seria tal distância que o colocava num plano em que poderia acompanhar os sucessos com a máxima serenidade e com todo o desafoço, de modo que uma coisa até certo ponto compensava a outra. E, mais uma vez, enfatizava que seu desejo era de que a revolução fosse adiante pacificamente, como até então, com a anuência de todas as províncias, de modo que, se a aspiração política do Brasil fosse o governo republicano, que ele satisfizesse absolutamente a sua vontade e que entrasse no pleno domínio do seu ideal, sem embaraços graves ou com o menor número de estorvos possíveis. Declarava ainda que era uma lei fatal que os povos tinham os governos que desejavam, ou antes, que mereciam e o Brasil que vivera até então sob um regime democrático, deveria mostrar que estava suficientemente educado para se nortear com o seu novo destino¹⁹.

Em tom tranquilizador, o *Diário de Notícias*, a partir das informações obtidas, observava perspectivas lisonjeiras para a nova situação política criada no Brasil, uma vez que todas as

17 DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Lisboa, 17 de novembro de 1889. Ano 25. N. 8.572. p. 1.

18 DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Lisboa, 18 de novembro de 1889. Ano 25. N. 8.573. p. 1.

19 DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Lisboa, 19 de novembro de 1889. Ano 25. N. 8.574. p. 1.

províncias teriam aderido ao movimento do Rio de Janeiro, bem como havido confraternização com o povo, de maneira que os atos do novo governo tendiam, ao que lhe parecia, a restabelecer a confiança pública, sendo isto o que mais poderia favorecer a situação. Novamente manifestava um desejo ardente e sincero de que a transformação se operasse sem grande perturbação, visto que se o Brasil queria crédito em todas as partes, seria necessário que se apresentasse pacífico e conciliador e, sem isso, não viria a atrair e afirmar as simpatias universais²⁰. Ainda com o intento de manter uma propalada neutralidade, o periódico não deixaria de tecer elogios a Pedro II, destacando que o movimento revolucionário iniciado no Brasil tinha sido recebido geralmente com uma expectativa benévola, mas deveria ser feita justiça ao elevado caráter do imperador deposto e aos eminentes serviços que ele prestara ao seu país e à civilização durante o seu longo reinado, já que só o facciosismo, levado ao último ponto de intransigência, lhe poderia negar este testemunho de reconhecimento²¹. Mais tarde, o jornal fazia uma analogia no que tange à queda deste governante, esclarecendo que, na história das abdições e dos destronamentos havia sempre uma página dramática, manchada de sangue ou molhada de lágrimas, mas a queda de D. Pedro II fora tudo quanto havia de mais singelo e singular, comparando-a a uma operação bancária feita com a maior regularidade, na qual a república sacara uma letra sobre a monarquia e a monarquia aceitara e pagara sem o mínimo protesto²².

As relações políticas e econômicas entre Portugal e o Brasil também foram uma preocupação do *Diário*, acreditando que seria fácil o papel que a primeira nação teria a desempenhar, de modo que, por todos os motivos, por todas as circunstâncias, não poderia deixar de mostrar-se alheia às deliberações dos outros povos, contanto que estas não ofendessem o direito internacional, ou seja, “cada um em sua casa e Deus na casa de todos”. Defendia que o Brasil se governasse a seu modo, bem

20 DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Lisboa, 20 de novembro de 1889. Ano 25. N. 8.575. p. 1.

21 DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Lisboa, 22 de novembro de 1889. Ano 25. N. 8.577. p. 1.

22 DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Lisboa, 9 de dezembro de 1889. Ano 25. N. 8.594. p. 1.

como os lusos seguiriam o seu próprio alvedrio, pois, com mútuo respeito, não se proporcionaria ensejo de irritabilidades fúteis e de desconfianças infundadas. Manifestava confiança no futuro, sem que fossem perturbadas, sem necessidade, as correntes naturais, devendo todos se amoldar às circunstâncias, moderadamente, com toda a precaução, para que não fossem provocados abalos inúteis que poderiam ser prejudiciais²³. Confirmando o “espírito de neutralidade”, a publicação diária lisboeta enfatizava que seu primeiro interesse era a felicidade e a prosperidade do Brasil, sem ter de emitir opinião sobre a forma porque o povo brasileiro deveria ser administrado²⁴.

Passados dois anos da instauração da república, ela viria a sofrer um de seus primeiros grandes revezes com a perpetração do golpe de estado do primeiro presidente, Deodoro da Fonseca, fechando o congresso, para depois, diante das reações populares, vir a renunciar ao seu cargo. As primeiras informações sobre o ocorrido no *Diário de Notícias* destacavam a existência de graves ocorrências políticas no Rio de Janeiro, com a dissolução das cortes e a declaração da ditadura²⁵. A respeito de tais fatos, o jornal buscava justificar o interesse em Portugal por informações, esclarecendo que tudo o que naquele país se passava de extraordinário ou anormal despertava entre os lusos a mais viva curiosidade, e causava sensação, o que seria natural, atendendo aos laços que prendiam os portugueses ao Brasil e às íntimas relações em que deveriam viver ambas as nações. Destacava também que o maior desejo de todos era que os incidentes políticos brasileiros não se transformassem em comoções violentas que perturbassem a tranquilidade pública e atrasassem o desenvolvimento dos estados. Reconhecia que a situação era grave e vencê-la em plena paz, em todas as partes, seria bastante difícil, mas, com grande ansiedade, fazia votos ardentíssimos pela tranquilidade do Brasil²⁶.

Diante de tão intrincada situação, o *Diário* afirmava que

23 DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Lisboa, 24 de novembro de 1889. Ano 25. N. 8.579. p. 1.

24 DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Lisboa, 29 de dezembro de 1889. Ano 25. N. 8.613. p. 1.

25 DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Lisboa, 5 de novembro de 1891. Ano 27. N. 9.284. p. 1.

26 DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Lisboa, 6 de novembro de 1891. Ano 27. N. 9.285. p. 1.

era fora de dúvida que a luta entre o governo e o parlamento assumiria um caráter de gravidade, que não era desconhecido de ninguém, de maneira que seria impossível continuar a viver com tal luta. Além disso, a folha reclamava da natureza das notícias chegadas do Brasil, qualificando-as de contraditórias umas, e outras sem nenhum caráter de autenticidade²⁷. Ainda a respeito dos acontecimentos em torno daquele golpe, o jornal lastimava todas as ocorrências que estavam agravando a situação do Brasil, e, sem entrar em apreciações, por não considerá-las oportunas, desejava com ansiedade que as notícias que se fossem sucedendo trouxessem a grata esperança de que aquela poderosa nação poderia enfim entrar num caminho regular e normal, de paz e progresso. Sobre a ascensão do vice-presidente, Floriano Peixoto, dizia estimar saber que, na escolha do novo governo, e nas providências adotadas, conseguiria a jovem república, dentro em pouco vencer todas as dificuldades e conciliar as opiniões divergentes quanto à gerência pública e à integridade da nação. Declarava ainda que o maior desejo e o mais sério interesse de Portugal deveria ser que o Brasil tivesse sossego e felicidade para poder com os seus grandes recursos, fortalecer de novo o seu crédito e a sua fama dentro e fora da América²⁸.

A segunda grande crise da república brasileira se daria em 1893, com o espocar da Revolta da Armada, um dos movimentos bélicos que contestou os novos detentores do poder. Perante tal evento houve uma certa tendência de silenciar em boa parte da imprensa lusitana, preocupada com suas repercussões. Com o *Diário de Notícias* não seria diferente afirmando diante de tais fatos que as reticências do cabo submarino deixavam os portugueses debaixo da mais cruel das incertezas e da mais dolorosa ansiedade. Considerava que a falta de notícias a respeito da angustiada situação daquela república era inteiramente o contrário do prolóquio francês – *pas de nouvelles, bonnes nouvelles*. Previa que, infelizmente, parecia estar ainda longe o dia, em que, solidificado e entrando nas vias normais, o Brasil restabelecesse a paz e vulgarizasse a confiança. Explicava que tal república estava

27 DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Lisboa, 7 de novembro de 1891. Ano 27. N. 9.286. p. 1.

28 DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Lisboa, 25 de novembro de 1891. Ano 27. N. 9.304. p. 1.

pagando as despesas da sua aprendizagem, e seria para admirar que um povo, mal preparado para um regime democrático, tivesse dado desde logo provas de tino governativo. Mantendo a sua tradicional linha de conduta, o periódico dizia fazer votos para que o aprendizado, embora rude, fosse o mais rápido possível, e que as feridas da guerra civil, que lá andava ateadas, se curassem sem profundo cautério, e sem que ficassem inolvidáveis cicatrizes, uma vez que era o sangue de irmãos que estava correndo e as suas desgraças não ficariam indiferentes, já que a nacionalidade brasileira era o orgulho dos lusitanos. Apelando para o divino, a folha diária declarava que seria o seu maior prazer e glória que a bandeira brasileira ostentasse a primazia entre as repúblicas do sul da América, pedindo a Deus que ouvisse os seus desejos, dando ao Brasil a serenidade necessária para manter a sua prosperidade e o seu decoro²⁹.

Outro dos periódicos diários que circulava em Portugal, ao final do século XIX, foi *O Comércio do Porto*, cuja circulação na cidade homônima iniciou a 2 de junho de 1854, primeiro saindo três vezes por semana, para depois assumir a periodicidade diária. Sua assinatura no Porto custava 1\$500 réis por trimestre. Em Lisboa, províncias, ilhas adjacentes e Espanha o custo passava para 1\$700 réis por igual período. O jornal anunciava sua distribuição também na África ocidental, por 3\$800 réis semestrais e na África Oriental e Brasil, por 6\$000 réis para o mesmo período. Já o semestre para França, Bélgica, Itália, Inglaterra, Alemanha, Áustria-Hungria, Estados Unidos, Dinamarca, Suécia e Noruega custava 4\$600 réis. O custo do número avulso era de 20 réis³⁰. Foi chamado de decano dos jornais portuenses, tendo surgido com o título apenas de *O Comércio*. Em 2 de janeiro de 1855 tornou-se diário e, um ano depois apresentava o título definitivo. Seus fundadores admitiram que seria viável a publicação de um jornal exclusivamente comercial, alheio a questões de política partidária e independente e, desde o início, dispôs de meios técnicos avançados³¹.

29 DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Lisboa, 11 de setembro de 1893. Ano 29. N. 9.954. p. 1.

30 RAFAEL & SANTOS, 2001. v. 1. p. 181.

31 TENGARRINHA, 2006. p. 207.

O Comércio do Porto viria a constituir-se numa das mais importantes publicações periódicas portuguesas e, na metade dos oitocentos, tinha oficina própria com prelo mecânico e, nos anos sessenta, aprimoraria o quadro de suas máquinas de impressão. Durante muito tempo manteve a venda de seus exemplares apenas em seus escritórios e, ao dobrar o século XIX, era um dos jornais mais antigos e de maior prestígio no Porto³². Em seu número inicial, afirmava que a praça do Porto precisava de um jornal de comércio, agricultura e indústria, onde se tratassem as matérias econômicas, históricas e instrutivas destes três poderosos elementos em que se assentava a prosperidade das nações modernas. Tal reclamação se dava tendo em vista a importância de tal cidade no interior, e pelo seu nome nos mercados estrangeiros. Anunciava que, a história, a geografia, a jurisprudência privativa, a literatura estrangeira e os grandes sucessos internacionais que pudessem afetar aquelas três indústrias, constituiriam objeto para seus artigos, que muitas vezes teriam por fim o recreio e a instrução dos leitores. Explicitava, assim que faria todos os esforços para revestir-se do que pudesse para ser interessante, por qualquer modo, aos comerciantes, agricultores e industriais³³.

As primeiras notas do *Comércio do Porto* acerca da instauração da república brasileira diziam respeito a graves acontecimentos no Brasil, no qual a população era estranha ao movimento, ao passo que o comércio e os bancos estavam fechados. Diante de tal quadro, declarava que eram esperadas com a maior ansiedade as notícias acerca do movimento revolucionário no Rio de Janeiro³⁴. A preferência do jornal pelo caráter informativo ficava explícita na busca por limitar-se a transcrever notícias, como ao afirmar que, pelos telegramas publicados, os leitores poderiam ter conhecimento dos acontecimentos políticos que se deram no Brasil. Ainda assim, manifestava o desejo de um bom destino para o nobre povo brasileiro, ao qual permaneciam ligados os lusos através de tantos afetos e tantas tradições, estando ambos presos simultaneamente por valiosíssimos laços de simpatia

32 TENGARRINHA. 1989. p. 185, 202, 221, 229 e 234.

33 O COMÉRCIO (DO PORTO). Porto, 2 de junho de 1854. Ano 1. N. 1. p. 1.

34 O COMÉRCIO DO PORTO. Porto, 16 de novembro de 1889. Ano 36. N. 293. p. 3.

e de interesse. Além disso, almejava que não resultassem dias de provação e de infortúnio, que pudessem fazer estacionar a gloriosa marcha do desenvolvimento e do progresso, que tanto vinha fazendo avantajar o Brasil entre os povos que sabiam ser verdadeiramente grandes³⁵.

O periódico portuense chegou a conjecturar sobre as causas da insurreição brasileira, centrando-se na insatisfação dos militares e destacando que ali deixava consignados diversos traços, pelos quais não seria difícil descobrir o gérmen da fermentação revolucionária que se manifestara e cujo termo pacífico sinceramente desejava³⁶. Saudava que os acontecimentos no Brasil não vinham ocasionando perturbação da ordem, mas ressaltava a carência de informações provenientes do outro lado do oceano³⁷. Ainda que não tomasse partido quanto à forma de governo brasileira, o jornal não deixaria de fazer elogios ao destronado imperador. A respeito da chegada do mesmo em Portugal, afirmava que não tardaria a bater à porta do exílio o personagem ilustre que ainda havia pouco fora colocado nas culminâncias de um trono. Descrevia que, no último quartel da vida, já alquebrado de forças, D. Pedro II, o “mais democrata de todos os monarcas”, tivera de ceder o passo a essa democracia que tanto amara, mas que avançara mais rapidamente do que ele previra³⁸.

A respeito da primeira crise mais austera sofrida pela república brasileira, representada pelo fechamento do parlamento de parte de Deodoro da Fonseca e sua posterior renúncia, o *Comércio do Porto* limitou-se a noticiar os conflitos entre o presidente e o congresso nacional. No que tange à opinião, o jornal afirmava que, na sua posição de observador imparcial, e sem os prejuízos do político militante, empenhado na luta partidária, poderia, sem medo de errar, dizer que a causa daquele duelo de gigantes repousava na completa ausência de educação política daqueles a quem estavam confiadas as missões de fazer as leis e de executá-

35 O COMÉRCIO DO PORTO. Porto, 17 de novembro de 1889. Ano 36. N. 294. p. 1.

36 O COMÉRCIO DO PORTO. Porto, 17 de novembro de 1889. Ano 36. N. 294. p. 1.

37 O COMÉRCIO DO PORTO. Porto, 19 de novembro de 1889. Ano 36. N. 296. p. 1.

38 O COMÉRCIO DO PORTO. Porto, 20 de novembro de 1889. Ano 36. N. 297. p. 1.

las. Nesse sentido, explicava que o governo e o congresso, ambos não tiveram a nobre coragem de sopitar as paixões, fazer calar as ambições, guardar para mais tarde os rancores e, acima de tudo quanto era humano, colocar o sagrado – a imagem da pátria, a quem todos deviam amor e dedicação – em primeiro lugar³⁹.

Já no que tange à crise gerada a partir da Revolta da Armada, o periódico lastimava a falta de informações a respeito dos negócios políticos do Brasil, uma vez que continuavam interrompidas as comunicações telegráficas do Rio de Janeiro para a Europa, e por esse motivo não eram recebidos telegramas dos correspondentes naquela capital, acerca dos gravíssimos acontecimentos que ali estavam ocorrendo⁴⁰. Como foi o procedimento recorrente em boa parte do jornalismo lusitano, o *Comércio do Porto* optou por um certo silenciar em relação à nova tensão brasileira. Dessa forma, acerca da conflagração no Brasil dizia que em suas páginas ecoariam os sentimentos do povo português, fazendo votos de que em breve viessem os brasileiros a encontrar a tranquilidade, no labutar comum e entregue à sua faina diária de movimentar extraordinariamente a sua nação⁴¹. Na mesma linha, afirmava que só desejava que todos os filhos daquele grande país, tão rico e florescente, tão abundante de tudo quanto pudesse constituir a felicidade humana, encontrassem na razão e no patriotismo os conselheiros que os levassem a refletir nos males que poderiam causar a tão abençoada terra⁴².

Uma das preocupações da publicação diária portuense estava ligada às possíveis repercussões da crise brasileira entre os lusitanos. De acordo com sua concepção, os desastres que pudessem afetar a jovem república se repercutiriam em Portugal como calamidades de um povo amigo e, mais que amigo, de um povo irmão. Justificava sua apreensão, afirmando que nos estados da vasta república viviam, estavam estabelecidos, trabalhavam e faziam frutificar as suas aptidões e os seus capitais, muitos milhares de portugueses que olhavam o Brasil como uma

39 O COMÉRCIO DO PORTO. Porto, 20 de novembro de 1891. Ano 38. N. 279. p. 1.

40 O COMÉRCIO DO PORTO. Porto, 9 de setembro de 1893. Ano 40. N. 214. p. 1.

41 O COMÉRCIO DO PORTO. Porto, 16 de setembro de 1893. Ano 40. N. 220. p. 1.

42 O COMÉRCIO DO PORTO. Porto, 29 de setembro de 1893. Ano 40. N. 231. p. 1.

segunda pátria, onde muitíssimos deles foram achar condições de vida mais favoráveis do que na própria Europa. Nesse sentido, destacava quanta ansiedade e inquietação deveriam ter produzido em todo o território português as notícias do conflito político levantado no Brasil e chegado à lamentável extremidade da luta armada, da guerra civil e fratricida. Considerava que tal país, unido num só corpo vigoroso e forte, seria uma potência que imporiam respeito ao mundo, de maneira que, por certo, não haveria de querer perder tal posição preponderante por causa de divergências de opiniões políticas internas. Mais uma vez fazia votos para que os homens de estado brasileiros, as classes influentes e mais ilustradas, se compenetrassem seriamente da necessidade, superior a tudo, de terminar imediatamente com a revolução, por qualquer modo e sacrifício, salvaguardando a unidade da pátria⁴³.

Dessa maneira, diante da proclamação da república brasileira e de suas primeiras crises, alguns jornais portugueses iriam preferir seguir um caminho diferenciado em relação àqueles que adotaram uma postura claramente partidarista. Ao contrário de outras folhas engajadas com uma determinada causa e cruzando armas em nome da monarquia ou da república, esses periódicos optaram por um compromisso eminentemente informativo. Mesmo que tivessem posições menos ou mais conservadoras ou progressistas, preferiram seguir o caráter noticioso, falando em nome de uma suposta neutralidade. Ainda que o golpe de estado de Deodoro da Fonseca tenha galvanizado uma opção mais intensa pelo engajamento partidarista em relação à forma de governo, a opção pela neutralidade informativa continuou sendo praticada por alguns representantes da imprensa lusa. Já diante da guerra no Brasil, o periodismo lusitano predominantemente noticioso intentou mais ainda demonstrar sua imparcialidade, visando não imiscuir-se no debate opinativo acerca daquele tão intrincado momento da vida política brasileira⁴⁴.

O *Diário de Notícias* e *O Comércio do Porto* representariam muito a contento tais tendências. Firmados como empresas

43 O COMÉRCIO DO PORTO. Porto, 21 de setembro de 1893. Ano 40. N. 224. p. 1.

44 ALVES, 2012. p. 95-96, 167 e 206-207.

jornalísticas, amplamente preocupadas com sua estruturação financeira, aprimoramento tecnológico e ampliação de mercado consumidor, tais jornais voltaram suas construções discursivas essencialmente para a notícia, deixando de lado os debates exacerbados do jornalismo opinativo. Ainda que a neutralidade/imparcialidade fossem elementos constitutivos de execução quase impossível, essas publicações intentaram evitar o comentário, preferindo a apresentação de notícias das mais variadas formas, mormente através das transcrições. No caso da instauração da república no Brasil e de suas duas primeiras grandes crises em 1891 e 1893, os periódicos não iriam alterar tais procedimentos, buscando incessantemente informações acerca dos acontecimentos, mas evitando posicionarem-se diante deles e restringindo-se a desejar o pronto restabelecimento da ordem na jovem república, bem como almejar que as tensões na América não viessem a trazer resultados nefastos para Portugal e para a sua colônia em terras brasileiras. Foram diversas as publicações portuguesas que adotaram tal modo de proceder e este breve estudo de caso acerca de um jornal lisboeta e um portuense possibilita uma compreensão desse norte editorial, no universo de reações que caracterizou o conjunto da imprensa lusitana diante dos primeiros anos da república brasileira.